

FAIANÇA PORTUGUESA

CENTROS PRODUTORES, MATÉRIAS, TÉCNICAS DE FABRICO E CRITÉRIOS DE DISTINÇÃO

LUÍS SEBASTIAN Doutorado em História com Especialização em Arqueologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Membro integrado do Instituto de Arqueologia e Paleociências das Universidades Nova de Lisboa e do Algarve. luispereirasebastian@gmail.com

RESUMO Recorrendo à documentação coeva disponível, paralelos etnográficos e análise de vestígios arqueológicos de contextos de produção e de consumo, procurou-se definir o que é faiança; quando, onde e como se deu o início do seu fabrico em território português; quais os centros oleiros que, anteriores à reforma pombalina, foram responsáveis pela sua produção durante os séculos XVI, XVII e XVIII; quais as matérias-primas e técnicas de produção envolvidas no seu fabrico, procurando isolar características diferenciadoras que permitam identificar as produções de cada centro oleiro.

Da investigação realizada entre 1998 e 2010, situou-se a génese do fabrico de faiança em Portugal nos inícios do século XVI, com profunda renovação nos meados dessa centúria, identificando-se de forma segura unicamente três centros oleiros anteriores à reforma pombalina – Lisboa, Coimbra e Vila Nova (Gaia). Por fim, determinou-se ser possível distinguir as produções de cada centro oleiro através das suas características macroscópicas, considerando as opções ao nível das pastas, esmaltes, pintura – tintas e técnica –, formas e decorações, ao qual se juntam as técnicas de separação empregues durante a cozedura de vidragem.

PALAVRAS-CHAVE Portugal, faiança, início de produção, técnicas de produção, centros produtores, distinção entre centros produtores

1. INTRODUÇÃO

Beneficiando da realização do encontro “Velhos e Novos Mundos – Congresso Internacional de Arqueologia Moderna” na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, organizado pelo Centro de História de Além-Mar (CHAM) e decorrido entre os dias 6 e 9 de Abril de 2011, aproveitamos então a oportunidade para apresentar as conclusões do trabalho de investigação que realizamos no âmbito da nossa tese de Doutoramento, intitulada “A produção oleira de faiança em Portugal (séculos XVI-XVIII)”, defendida na mesma faculdade em 18 de Fevereiro de 2011¹.

O trabalho então realizado teve como principais questões a responder:

- Determinação do momento exacto em que se deu o início da produção de faiança em território português.
- Identificação dos centros oleiros responsáveis pela

produção de faiança em Portugal durante os séculos XVI, XVII e XVIII (olarias pré-reforma pombalina)

- Identificação dos métodos de fabrico:
 - Que matérias-primas e sua origem.
 - Técnicas de transformação.
 - Utensílios, estruturas, espaços e organização de produção.

E teve como objectivos:

- Contribuir directamente para a definição de critérios que permitam distinguir as produções dos diferentes centros oleiros de faiança portuguesa.
- Contribuir indirectamente para a futura constituição de um quadro tipológico de faiança portuguesa:
 - Centros produtores.
 - Cronologias.
 - Formas.
 - Decorações.
 - Influências.

Como fontes consideramos tanto as fontes escritas como as materiais. Dentro das fontes escritas consideramos a bibliografia nacional e estrangeira disponível e a documentação coeva, alargando esta a períodos

1. Tese de Doutoramento em História com Especialização em Arqueologia, intitulada “A produção oleira de faiança em Portugal (séculos XVI-XVIII)”, orientada pela Professora Doutora Rosa Varela Gomes. Apesar de defendida em 18 de Fevereiro de 2011, o trabalho ficou concluído e entregue em Julho de 2010, pelo que o seu conteúdo remete a essa data. Desde então novos vestígios arqueológicos de produção de faiança surgiram em território nacional, que por esse motivo não se encontram aqui incluídos.

mais recentes sempre que se referisse a práticas com paralelismo directo ao universo em estudo. Dentro das fontes materiais consideramos:

- Vestígios arqueológicos de produção de faiança.
- Colecções museológicas, privadas e arqueológicas.
- Análise comparativa com paralelos etnográficos.

A metodologia definida para o trabalho considerou:

- Identificação e leitura crítica do conjunto de bibliografia produzida por mais de 100 anos de investigação sobre faiança portuguesa.
 - Identificação, transcrição e análise de toda a documentação já publicada com relação directa ou indirecta com o tema da faiança portuguesa.
 - Identificação e análise de todos os vestígios arqueológicos de produção disponíveis.
 - Identificação e análise comparativa de grandes colecções de faiança portuguesa.
 - Registo e estudo da última olaria tradicional de faiança portuguesa: *Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra*².
- Dentro dos vestígios arqueológicos de produção de faiança em território nacional tiveram destaque:

- Barreiro.
 - Mata da Machada³.
- Lisboa.
 - Largo de Jesus (Santos, 2005)⁴.
 - Rua de Buenos Aires⁵.
- Coimbra.
 - Garagem Avenida⁶.
 - Largo das Olarias⁷.
- Vila Nova de Gaia.
 - Casa Ramos Pinto⁸.

A par das grandes colecções museológicas de faiança como as do Museu da Cidade de Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa), Museu Nacional de Soares dos Reis (Porto), Casa Museu Guerra Junqueiro (Porto)

2. O registo material e oral da *Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra* foi realizado em Julho de 2007 com a colaboração de Ana Sampaio e Castro e Hugo Pereira, destacando-se os testemunhos do oleiro Vitorino Miguel Ferreira e dos decoradores Armando Oliveira e Alice Coelho Dias. Infelizmente, em 2009, a *Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra* fechou definitivamente portas.

3. Agradecemos a António Camarão, da Câmara Municipal do Barreiro, o acesso aos materiais da escavação arqueológica na Mata da Machada, Barreiro.

4. Agradecemos a Maria João Santos o acesso aos materiais da escavação arqueológica no Largo de Jesus, bem como ao seu relatório final.

5. Agradecemos a Nunes Neto, da empresa de arqueologia NeoÉpica, Arqueologia e Património, o acesso aos materiais da escavação arqueológica no n.º 10 da Rua de Buenos Aires, Lisboa.

6. Agradecemos a Carlos Batata, da empresa de arqueologia Ozecarus, o acesso aos materiais da escavação arqueológica no edifício Garagem Avenida, Coimbra.

7. Agradecemos a Maria João Neves, da empresa de arqueologia Dryas, e a Filipe Santos, da empresa de arqueologia Arqueohoje, o acesso aos materiais das escavações arqueológicas no Largo das olarias, Coimbra, realizadas no âmbito das obras de implantação do Metropolitano Ligeiro do Mondego.

8. Agradecemos a Maria João Neves, da empresa de arqueologia Dryas, o acesso aos materiais da escavação arqueológica na Casa Ramos Pinto, Vila Nova de Gaia.

ou Museu Nacional de Machado de Castro (Coimbra), tiveram particular importância as colecções arqueológicas do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra⁹, da Casa do Infante no Porto e, especialmente, do Mosteiro de S. João de Tarouca¹⁰.

2. RESULTADOS¹¹

2.1 O início da produção de faiança em território português

A determinação do momento em que se terá dado o início da produção de faiança em território português esbarra, antes de mais, na imprecisão do próprio conceito de “faiança”. Tendo-se assumido no trabalho realizado incluir na categoria de faiança toda a cerâmica recoberta de vidro de chumbo opacificado pela adição de óxido de estanho, por regra aplicado sobre pastas calcárias, somos forçados a considerar a produção de faiança em Portugal como iniciada nos inícios da centúria de quinhentos. Os vestígios arqueológicos do forno da Mata da Machada, no Barreiro, assim o impõem, ainda que a documentação coeva não o espelhe.

A ambiguidade que encontramos na documentação no que se refere à produção e consumo de faiança é aliás, e novamente, reflexo da imprecisa categorização a que as louças de esmalte estanífero estiveram sujeitas mesmo até ao dealbar do século XX. Ainda que assistamos na segunda metade de oitocentos à importação e bem sucedido enraizamento do conceito francês de “faïence”, este apenas se dá ao nível do universo intelectual e académico, continuando até ao fim da última olaria quase ausente do discurso quer de quem a produziu, quer de grande parte do universo consumidor, por consequência extensível à maior parte dos registos administrativos.

Admitindo como correcta a ideia de que a produção de esmaltes estaníferos em território nacional seria já uma realidade nos princípios de quinhentos, provada com os resultados da escavação arqueológica da Mata da Machada, fica-nos antes de mais por explicar a dificuldade sentida até hoje pela investigação nacional em identificar com segurança exemplares atribuíveis

9. Agradecemos a Artur Côrte-Real, da Direcção Regional de Cultura do Centro, o acesso aos materiais da escavação arqueológica no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra.

10. A escavação arqueológica do Mosteiro de S. João de Tarouca realizou-se entre Abril de 1998 e Novembro de 2007, tendo como responsável institucional o entretanto extinto Instituto Português do Património Arquitectónico, e como responsáveis científicos o autor e Ana Sampaio e Castro.

11. Optamos aqui por reproduzir o capítulo “Conclusões” da nossa Tese de Doutoramento, de forma actualizada e com nova organização, remetendo para as figuras o essencial do capítulo “Critérios de distinção”.

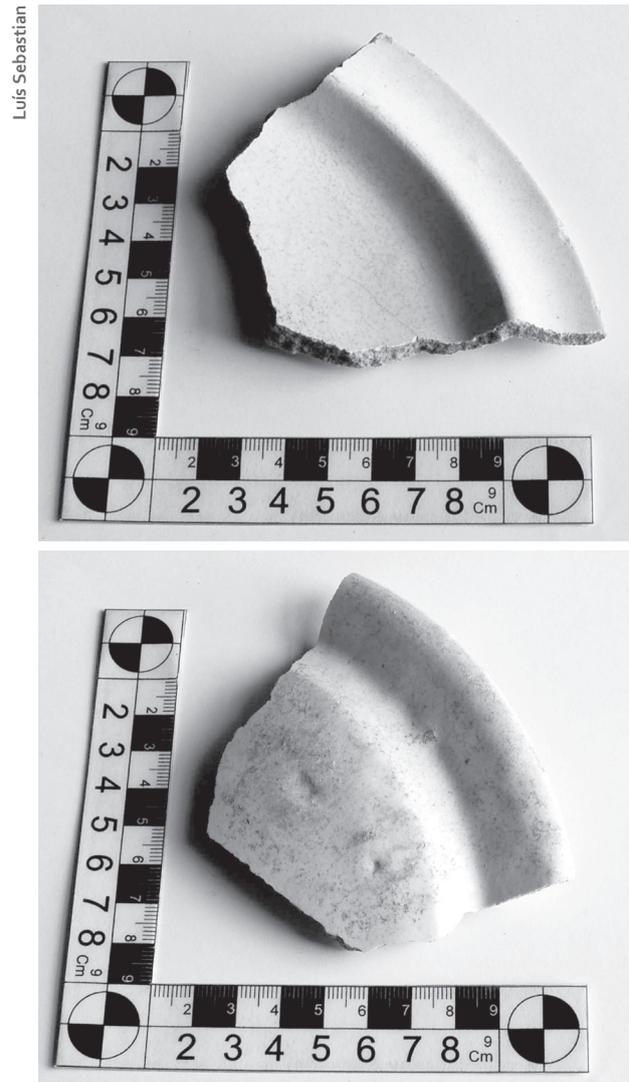
a essa centúria. Mesmo apenas aceitando a produção de faiança em Portugal a partir de 1565, quando a documentação o torna indiscutível (Correia, 1919, p. 8; Meco, 1989, p. 54)¹², não é credível que nenhum exemplar tenha chegado até nós entre o vasto acervo museológico distribuído pelos diversos museus nacionais com colecções de faiança. Menos credível ainda é que, entre as centenas de intervenções arqueológicas em território nacional com exumação de faiança, não se tenha até ao momento recuperado exemplares de faiança portuguesa de quinhentos, mesmo reconhecendo logo à partida que o volume de produção de faiança nessa centúria tenha sido muito inferior ao registado para os séculos seguintes.

Por lógica, temos de admitir que exemplares quinhentistas de faiança portuguesa tenham sido até agora erroneamente atribuídos ao século XVII, fruto do ainda reduzido conhecimento tipológico que possuímos sobre a faiança portuguesa, sobretudo a mais recorrente e produzida em maior quantidade, longe da excepcionalidade dos exemplares que por regra preenchem as vitrinas dos nossos museus. Este erro é para nós já indiscutível no que diz respeito às iniciais produções de louça esmaltada simples, de tom mate e paredes grossas, por regra em formas de prato de fundo de ônfalo, escudela ou especieiro, que em contextos arqueológicos têm sido quase sempre atribuídas a olarias espanholas, sobretudo sevilhanas. Não pretendemos que todo este vasto conjunto de peças tenha tido origem em olarias nacionais, mas que certamente parte dele corresponda às primeiras produções nacionais de esmaltes estaníferos, impondo-se ainda à investigação a definição de critérios seguros de distinção. Em menor medida, os característicos pratos brancos de bordo em aba côncava recolhidos na intervenção arqueológica de emergência no Largo de Jesus, em Lisboa (fig. 1), têm tendido igualmente a ser atribuídos a olarias espanholas, impondo a mesma análise crítica.

Independentemente desta questão, às iniciais produções de louça de esmalte estanífero ter-se-á sobreposto, em meados de quinhentos, o que poderíamos considerar como a refundação do fabrico deste género cerâmico em território português, muito provavelmente derivada da migração de oleiros de origem flamenga, sobretudo para Lisboa, que consigo trouxeram novas soluções e técnicas de tradição italiana relacionadas com a produção de majólica (Quadro I).

Contrariamente à ideia enraizada na historiografia nacional subordinada ao tema da faiança, sobretudo

12. Referimo-nos à passagem do Livro do Lançamento e serviço que a cidade de Lisboa fez a el-rei nosso senhor o ano de 1565 onde se refere como morador na «Freguesia das Marteens, 5.º Rol – Rua da Cruz da Esperança em diante» um «João de Gois, mestre de malega branca...».



1. Intervenção arqueológica de emergência no Largo de Jesus, Lisboa. Aspecto geral de fragmento de prato de fundo de ônfalo e bordo em aba côncava produzido localmente.

QUADRO I

■ A Introdução da produção de faiança em Portugal

■ Introdução da “técnica italiana” em Portugal

- Itália, avançada técnica de produção de “majólica”

(Século XVI – inícios)

- Migração de oleiros italianos para a região flamenga e cidades espanholas de grande tradição oleira – Sevilha, Talavera de la Reina

(Século XVI – meados)

- União da Flandres, Portugal e Espanha sob a mesma coroa
- Política de favorecimento de Talavera de la Reina por Carlos V, desenvolvida por Filipe II de Espanha, I de Portugal
- Tensão religiosa nos Países Baixos agravada em meados de quinhentos
- Guerra de independência dos Países Baixos (1568-1648)
- Acentuar da migração de oleiros flamengos - de tradição técnica italiana - para os grandes centros oleiros espanhóis

1565 – Oleiro flamengo «João de Gois, mestre de malega branca, em casas de Isabel guomes» na «Rua da Cruz da Esperança em diante», «Lisboa Oriental»

no respeitante aos fornos, a reinvenção da produção de louça estanífera, segundo a importação indirecta das técnicas empregues no fabrico da majólica italiana, não se terá substituído totalmente às técnicas já previamente presentes e em uso.

A adopção de pastas calcárias (Quadros II, III, IV, V,

VI e VII), como mais próprias à constituição de corpos claros e leves com uma correcta relação mecânica em relação ao esmalte, dificilmente poderá ser vista como uma inovação, considerando as pastas, ainda que incipientemente calcárias, já empregues nas louças de esmalte estanífero da Mata da Machada e nas de cronologia mais recuada exumadas na Garagem Avenida em Coimbra (figs. 2, 3 e 4).

O apuramento do aspecto estanífero dos esmaltes foi certamente resultado da importação de técnicas de qualidade superior, que podemos atribuir a melhoramentos ao nível da selecção dos minérios e sua transformação, passando pelas técnicas de oxidação, frita, moagem e, sobretudo, doseamento, com elevação do teor plumbífero – chumbo – em detrimento do silicioso – areia –, produzindo bases vítreas mais translúcidas e brilhantes, e do teor estanífero – estanho –, produzindo superfícies mais brancas e opacas (Quadro VIII). Ao nível das tintas, o azul de cobalto está já presente nas produções esmaltadas iniciais, ainda que de forma residual e aplicado em decorações simples, por norma listas ao longo do bordo ou preenchendo concentricamente o fundo. Apesar de não termos identificado, entre os espólios arqueológicos observados, a aplicação do castanho vinoso de manganés nas produções esmaltadas prévias à introdução das técnicas de tradição italiana, a sua vasta aplicação em produtos cerâmicos levantinos de tradição islâmica torna impossível afirmar ter-se tratado de uma introdução tão tardia. Sendo estas duas cores de grande fogo as mais comumente empregues na faiança oleira portuguesa durante os séculos XVI, XVII e XVIII, com vitrificação acima dos 900°C, o emprego das cores de pequeno fogo como os amarelos de antimónio e laranjas de óxido de ferro, obrigando as mais das vezes a uma terceira cozedura de vidragem a temperaturas mais baixas entre 500-800°C, afiguram-se de facto como uma importação a partir da variada paleta cromática empregue na majólica italiana a partir de século XV. Surpreendentemente, os verdes de óxido de cobre, recorrentes nestas produções italianas, apenas nos surgem a partir da centúria de setecentos, tendo vindo a tornar-se extremamente comuns nas louças coimbrãs de baixa qualidade de século XIX.

A recorrente questão dos fornos empregues na cozedura de vidragem da faiança portuguesa, apontando-se tradicionalmente a introdução de novos fornos como condição essencial para a elevação da qualidade dos novos produtos, apresenta-se-nos como difícil de fundamentar¹³. Os mesmos fornos descritos para a

13. Para mais informação sobre esta questão ver Santos, 1951, p. 156; Simões, 1990, p. 101; Meco, 1989, p. 31; Calado, 2003, p. 8.

QUADRO II

■ Técnicas de fabrico ■ Pasta

■ Composta por: barro vermelho e barro branco

Barro vermelho ■

- Argilas ferruginosas
- Grande variedade cromática (incluções minerais e orgânicas)
- Tanto mais pura quanto mais plástica e próxima da cor branca
- Cor natural mais ou menos vermelha ditada pela presença de óxidos ferruginosos
- Correntes no fabrico de cerâmica comum vermelha e negra

QUADRO III

■ Técnicas de fabrico ■ Pasta

■ Composta por: barro vermelho e barro branco

Barro branco □

- Margas calcárias
- Associação natural de argilas com carbonato de cálcio
- Diminuta variedade cromática (tons amarelos, cremes e brancos)
- Tanto mais pura quanto mais plástica e próxima da cor branca

Perante a ausência de margas calcárias pode-se dar a introdução do carbonato de cálcio através da moagem de matérias ricas neste elemento:

- Calcário
- Conchas de moluscos
- Ossos
- Cal
- Cré (Paterna, Valência, Espanha)

⚠ Solução sem registo em Portugal Antes do fabrico fabril

QUADRO IV

■ Técnicas de fabrico ■ Pasta

■ Composta por: Barro vermelho e Barro branco

Dosagem média

- 3/4 de barro branco para 1/4 de barro vermelho

□□□+■=□

Barro branco ◀ mais mais ▶ Barro vermelho

↑ Melhor relação mecânica com o esmalte - Menor fusibilidade - carbonato de cálcio - Clareamento da cor de queima final

↓ Pior relação mecânica com o esmalte - Maior fusibilidade - óxido de ferro - Coramento da cor de queima final

↑ Excessiva plasticidade na modelação - Menor resistência mecânica final

↓ Excessiva dureza na modelação - Maior resistência mecânica final

QUADRO V

■ Técnicas de fabrico ■ Pasta ■ Desengordurantes

- Todas as substâncias misturadas na pasta a fim de reduzir a sua plasticidade
- Redução de plasticidade excessiva
 - Dificuldade na modelação devida a excessiva plasticidade
- Redução do índice de contracção da pasta
 - Deformação, gretamento ou quebra da peça durante o enxugo ou cozedura

Principais desengordurantes:

- Areias siliciosas □
- Cerâmica moída ■

QUADRO VI

■ Técnicas de fabrico ■ Pasta ■ Desengordurantes

Areias siliciosas □

↑ Aumento da dureza e infusibilidade (areias refractárias) da pasta necessária para suportar as elevadas temperaturas de vidragem

- Clareamento da cor da pasta

↓ Excesso de sílica eleva em excesso a temperatura de cozedura para além do comportado pelos fornos empregues e pelos esmaltes e tintas aplicados

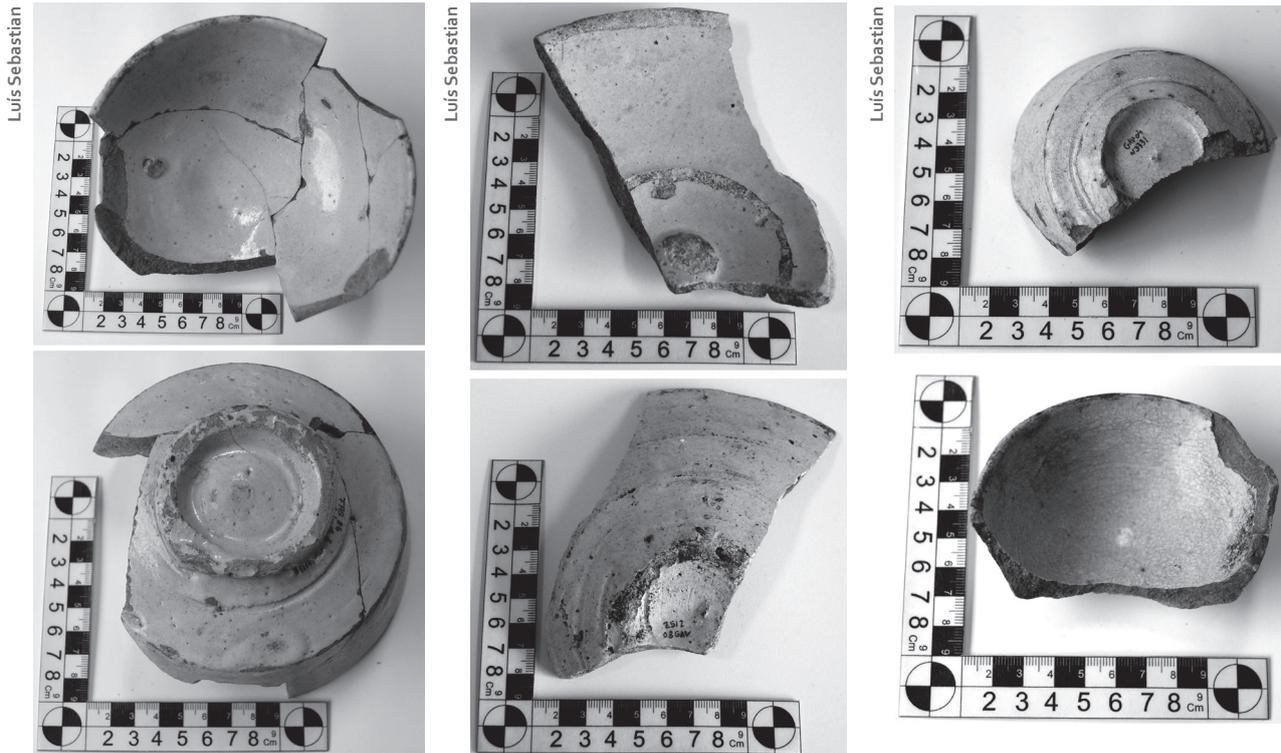
QUADRO VII

■ Técnicas de fabrico ■ Pasta ■ Desengordurantes

Cerâmica moída ■

↑ Diminuição da contracção da pasta durante a secagem e cozedura

↓ A sua moagem constitui acréscimo de tempo, esforço e custos



2. Intervenção arqueológica de emergência no edifício Garagem Avenida, Coimbra. Escudela carenada de paredes grossas e esmalte estanífero grosseiro atribuída ao século XVI, com destaque para a sua segunda metade.

3. Intervenção arqueológica de emergência no edifício Garagem Avenida, Coimbra. Prato de ônfalo de paredes grossas e esmalte estanífero grosseiro atribuído ao século XVI, com destaque para a sua segunda metade.

4. Intervenção arqueológica de emergência no edifício Garagem Avenida, Coimbra. Pequena "malga" carenada de paredes grossas e esmalte estanífero grosseiro atribuída ao século XVI, com destaque para a sua segunda metade.

produção da majólica italiana por Vannoccio Biringuccio (Smith e Gnudi, 1990, p. 392-395)¹⁴ ou Cipriano Piccolpasso (Piccolpasso, 1976; Piccolpasso, 2007)¹⁵, nos meados de quinhentos, vamos encontrá-los em território nacional muito antes de século XVI, inicialmente apenas empregues no fabrico de cerâmica comum, com ou sem vidrado de chumbo, e seguindo uma evolução linear e coerente no sentido de plantas quadrangulares ou rectangulares e de grande volumetria, com conseqüente aumento das temperaturas máximas através de fornalhas de grande capacidade

e câmaras de cozedura com saída de gases lateral, reaproveitando o fenómeno de reverberação por inflexão do fluxo de calor na sua cobertura. Mesmo a questão do controlo de temperatura e determinação dos diferentes estádios de maturação do esmalte e tintas, sempre tão sensível, não aparenta ter sofrido uma autêntica revolução com a importação dos métodos de tradição italiana. Sabendo-se estar o uso de amostras de controlo já em uso na região valenciana pelo menos desde o século XIII, afigura-se como pouco credível que se tratasse de uma solução completamente desconhecida em território português (fig. 5).

14. Referimo-nos à obra de 1540 *De la pirotechnia, li diece libri della pirotechnia*, onde Vannoccio Biringuccio descreve sucintamente o método de produção de majólica italiana no capítulo XIV do Livro IX.

15. Referimo-nos ao manuscrito produzido entre 1557 e 1559 por Cipriano Piccolpasso e intitulado *Li tre libri dell'arte del vasaio*, inteiramente subordinada ao método de produção da majólica italiana.

Este mesmo raciocínio pode ainda ser estendido ao forninho, empregue na calcinação dos óxidos metálicos, sobejamente reconhecido nas produções de vidrado de chumbo, já para não falar do torno rápido empregue na modelação do barro.

Assim, mais do que a questão das estruturas de produção, a revolução tecnológica trazida com a migração de oleiros flamengos passou pelo melhoramento da qualidade estética das produções estaníferas já presentes, com apuramento das pastas e dos esmaltes. Ao nível formal, terá comportado novas formas, incluindo assimetrias e ondamentos permitidos pelo recurso a moldes, e sobretudo o adelgaçamento de paredes, com importante aumento da leveza física e estética

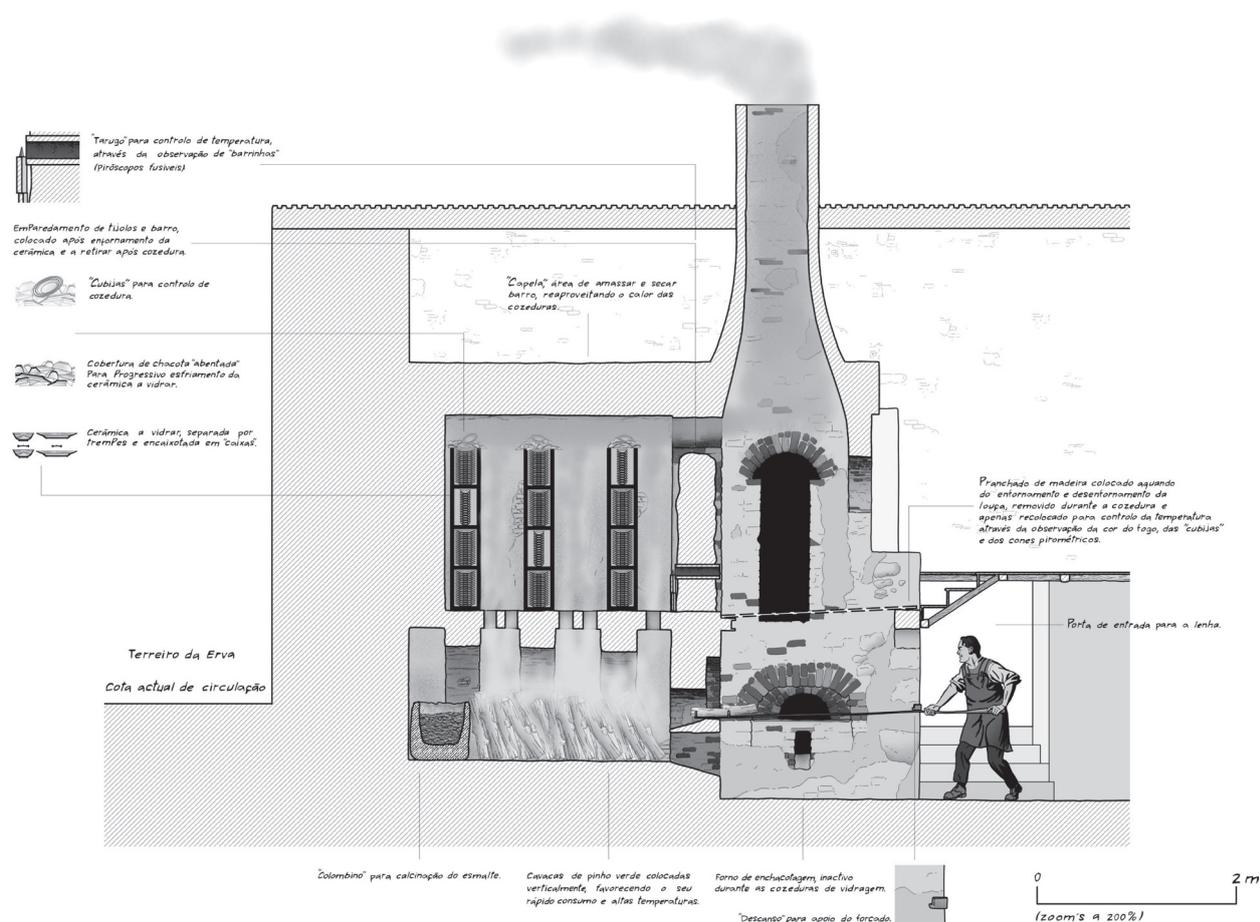
QUADRO VIII

■ Técnicas de fabrico		■ Esmalte
Opacificante	□ Estanho	↕ - Branqueamento do aspecto final
Vitrificante	■ Chumbo	↕ - Extremo encarecimento do produto final
Vitrificante	□ Areia	↕ - Maior reflectividade
		↕ - Relativo encarecimento do produto final
		↕ - Embarecimento do produto final
		↕ - Menor reflectividade
Dosagem média - 70-90% de Chumbo para 30-10% de Estanho □□□□+■=□		

Adição de sal marinho como fundente

⚠

Luís Sebastian, Hugo Pereira



5. Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra. Registo gráfico do forno de vidragem - em corte - e do forno de enchacotagem – em alçado.

das peças. Ao nível da pintura, mais do que o alargamento da paleta cromática, trouxe uma abordagem decorativa mais artística, mais desenhada, complexa e criativa, nunca deixando contudo de servir uma lógica de produção massiva em série, apenas permitindo por raras vezes a produção de verdadeiras obras de criação artística individual. Ainda que Cipriano Piccolpasso não refira, dentro da técnica italiana de meados de século XVI, o uso do papel picotado na transferência das linhas gerais da decoração, sabemos que em Portugal estaria em uso pelo menos desde meados de seiscentos, o que podemos pressentir pela frequente observação das mesmas composições decorativas aplicadas de modo invertido em diferentes peças, ficando por esclarecer o momento exacto da sua introdução (Quadro IX).

2.2 Centros produtores

A fixação destas novas técnicas em Lisboa terá levado ao desenvolvimento de um novo centro oleiro dentro da cidade (Quadro X). Opondo-se ao tradicional centro oleiro de raiz islâmica, na encosta Norte do Castelo de São Jorge (Quadro XI e Mapa A), este novo centro

oleiro procura a proximidade dos barreiros da marga – “barro branco” – necessária à constituição das novas e finas pastas calcárias, para além da zona ribeirinha intimamente vocacionada para a actividade marítima e mercantil (Quadro XII, Mapa B e Mapa C). Estende-se por isso ao longo da linha ribeirinha, no extremo ocidental da cidade, nova zona de expansão urbana, iniciando-se em Santos-o-Velho e alongando-se até ao Bairro Alto de S. Roque.

Terá sido quase imediata a passagem de oleiros de faiança de Lisboa para outros centros de produção cerâmica, tendo vindo a destacar-se de forma natural Coimbra e, de forma mais surpreendente, Vila Nova, hoje Vila Nova de Gaia.

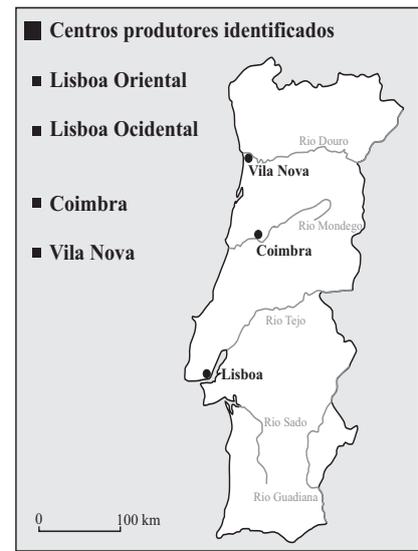
Contando já com uma actividade oleira extremamente desenvolvida, entende-se que Coimbra tenha adoptado de forma natural o fabrico de faiança (Quadro XIII e Mapa D). As condições para o fazer encontravam-se já aí reunidas, com presença de uma vasta e bem organizada comunidade oleira, abundante disponibilidade de matéria-prima e excelente posicionamento para escoamento da sua produção, beneficiando do papel de plataforma comercial que a cidade sempre representou entre o interior e o litoral e o Norte e o Sul,

QUADRO IX

■ Critérios de distinção			
	Lisboa	Vila Nova	Coimbra
Pasta			
Cor:	Amarela	Amarela-Creme	Creme-Salmão
Dureza:	Reduzida	Média	Média
Visibilidade e.n.p.:	Quase nula	Reduzida	Elevada
Esmalte			
Valor estanífero:	Elevado	Elevado	Baixo
Espessura:	Elevada	Elevada	Mínima
Cor:	Branco	Branco (azulado)	Creme/Salmão
Reflectividade:	Alta	Média	Baixa
Craquelê:	Reduzido, amplo	Acentuado, amplo	Acentuado, denso
Destaque:	Elevado	Reduzido	Elevado
Pintura (tinta azul de cobalto)			
Tonalidade:	Clara	Escura	Escura
Gradação:	até 5 tons	até 3 tons	até 2 tons
Textura:	Pontilhada	Uniforme	Densa
Técnica de separação durante a cozedura de vidragem			
Caixa:	Frequente	Raro	Raro
Cravilho:	Predominante	Minoritário	Raro
Tempe:	Raro	Minoritário	Predominante

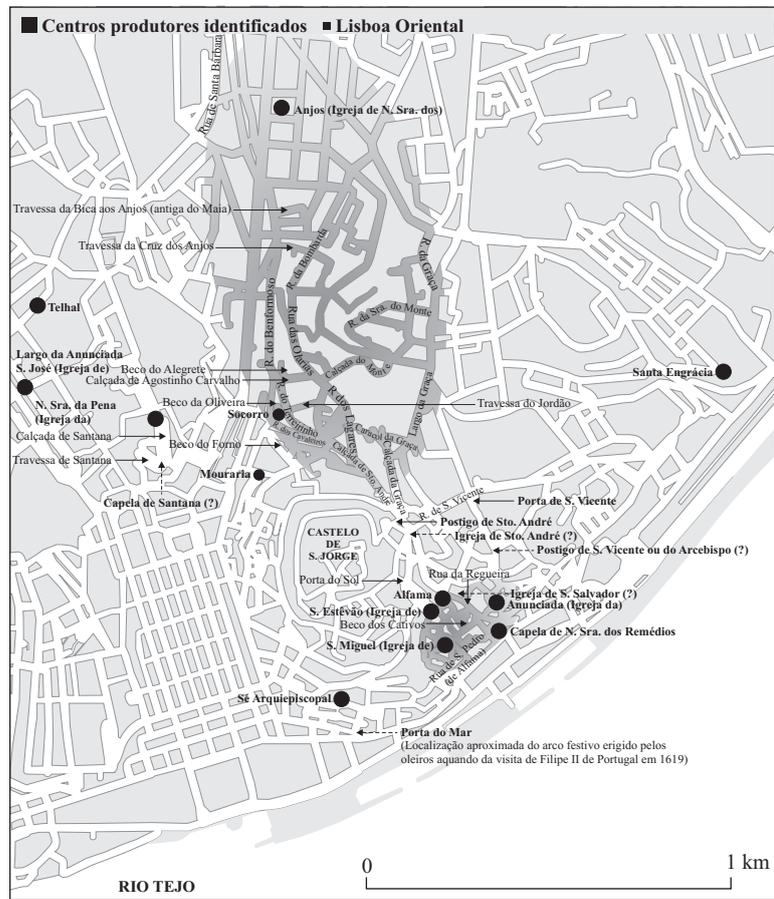
Vila Nova: Importação de margas calcárias a partir de Lisboa leva à utilização de trempes de barro vermelho

QUADRO X



QUADRO XI

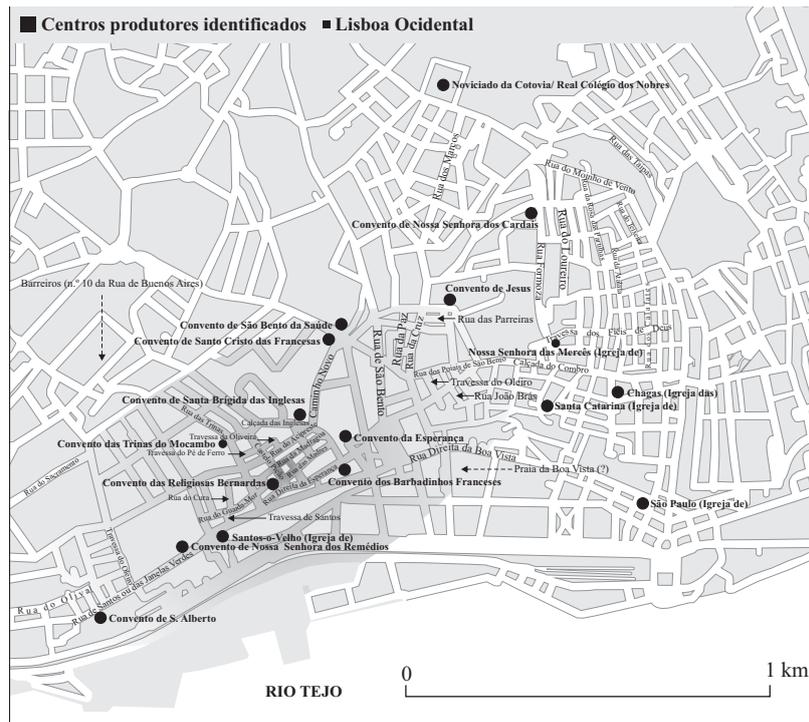
- Centros produtores identificados
- Lisboa Oriental
 - Área de implantação
Freguesia de Santa Justa
 - Linhas gerais
 - Bairro oleiro de raiz romana
 - Continuidade no período muçulmano
 - Continuidade após reconquista
 - Forte ligação com a Mouraria
 - 1496, expulsão das minorias religiosas
 - Substituição por oleiros cristãos
 - Eminente tradição de olaria comum
 - Arrabalde extra-muros
 - Localizado ao longo do eixo viário Norte
 - Acesso (in)directo à zona ribeirinha



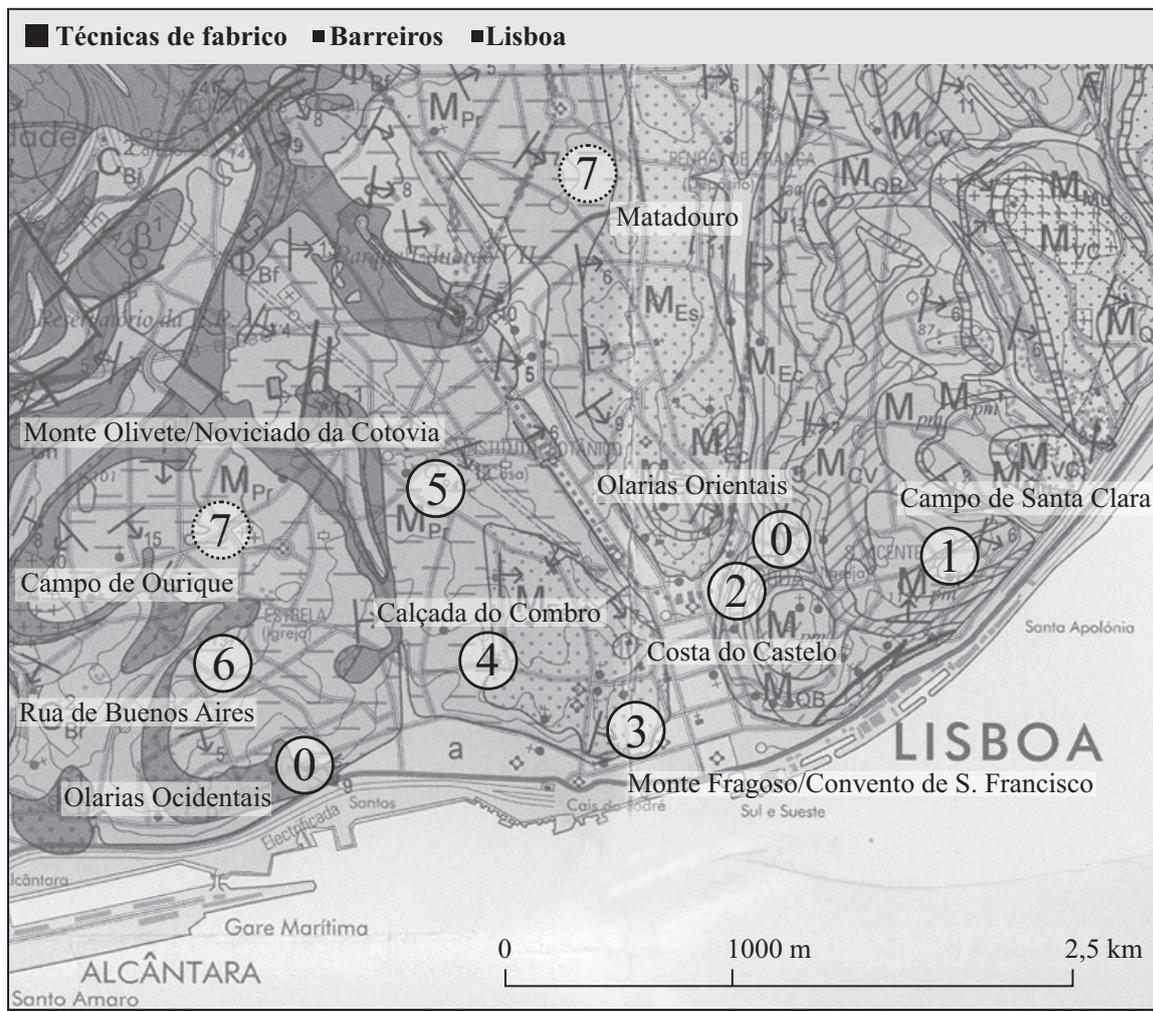
Mapa A. Áreas de localização das olarias orientais de Lisboa identificadas documentalmente e posicionadas na planta actual da cidade (cartografia com base em www.maps.google.com, 2009).

QUADRO XII

- Centros produtores identificados
 - Lisboa Ocidental
 - Área de implantação
 - Freguesia de Santos-o-Velho
 - Freguesia de Santa Catarina
 - Freguesia das Mercês
 - Linhas gerais
 - Séc. XV, nova área de expansão urbana
 - Área de concentração de artificies
 - Abundância de marga
 - Fixação de oleiros de origem flamenga
 - Eminent tradição de louça esmaltada
 - Especialização em alta qualidade
 - Vocação exportadora
- Arrabalde extra-muros
 Localizado ao longo do eixo viário Oeste
 Acesso directo à zona ribeirinha
 (“Praia da Boavista”)



Mapa B. Área de localização das olarias ocidentais de Lisboa identificadas documental-mente e posicionadas na planta actual da cidade (cartografia com base em www.maps.google.com, 2009).



Mapa C. Barreiros de Lisboa identificados documental-mente e posicionados na Carta Geológica de Portugal, escala 1/50.000, Folha 34-D Lisboa, edição do Departamento de Geologia do Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação, 2.ª edição, 2005.

QUADRO XIII

■ Centros produtores identificados

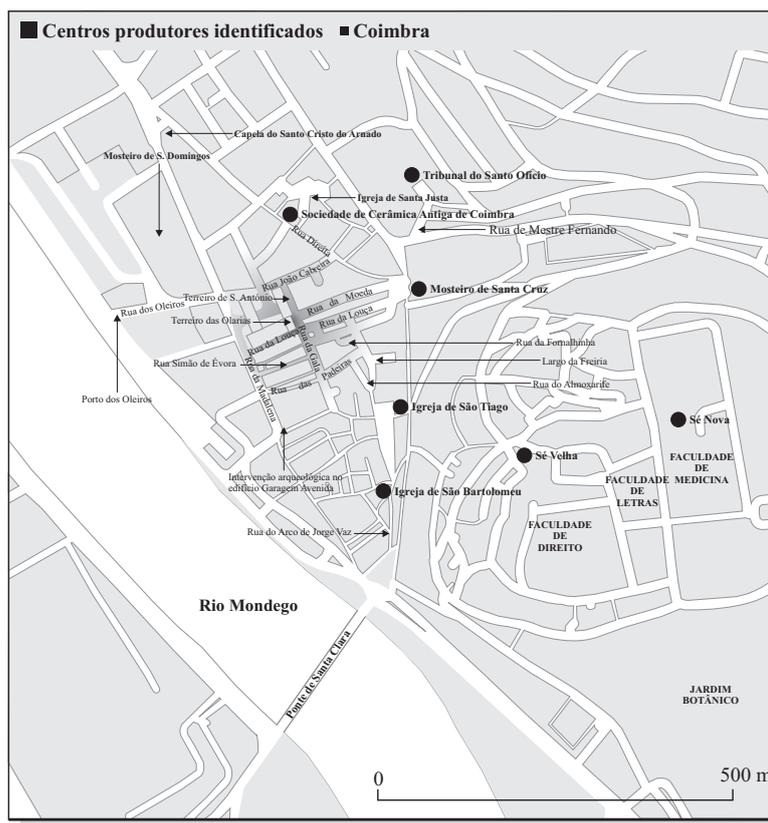
■ Coimbra

■ Área de implantação
Freguesia de S. João de Santa Cruz

■ Linhas gerais

- Bairro oleiro de raiz medieval
- Desenvolvimento a partir de Séc. XVI
- Abundância de marga
- Especialização em baixo custo
- Vocação mercados internos e colónias

Arrabalde extra-muros
Localizado ao longo do eixo viário Norte
Acesso directo à zona ribeirinha
("Porto de Coimbra" - Figueira da Foz)

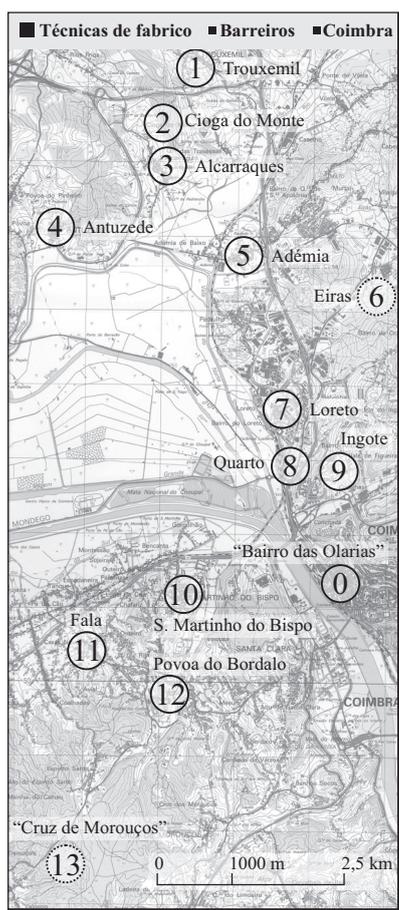


Mapa D. Área de localização das olarias de Coimbra identificadas documentalmente e posicionadas na planta actual da cidade (cartografia com base em www.maps.google.com, 2009).

com ligação indirecta ao mar através do rio Mondego (Mapa E). Ainda que os dados actualmente disponíveis não permitam de forma segura recuar o fabrico de louça de esmalte estanífero em Coimbra ao início da centúria de quinhentos, a presença na intervenção arqueológica de emergência na Garagem Avenida dos mesmos pratos de fundo de ônfalo e escudelas de esmalte mate e paredes grossas, verificadas para a Mata da Machada, sugere essa possibilidade, e logo, que os esmaltes estaníferos tenham passado nas olarias de Coimbra pela mesma refundação tecnológica e estética nos meados de século XVI, se não pelo menos no seu último quartel, através das constantes migrações e ligações familiares entre oleiros de ambas as cidades. Já o centro oleiro desenvolvido em Vila Nova reveste-se de um carácter muito particular (Quadro XIV e Mapa F). Apesar de contar com acesso directo a diversos barreiros de barro vermelho, não conta localmente com a disponibilidade das margas necessárias à constituição das pastas calcárias da faiança, obrigando à sua dispendiosa importação dos barreiros de Lisboa, impondo-se ainda como uma fundação de raiz, sem beneficiar da prévia existência de uma estrutura de produção oleira (Mapa G). A especificidade do desenvolvimento destas olarias, no que seria inicialmente uma mera linha de passagem junto a um dos principais

pontos de travessia do rio Douro e de entrada na cidade do Porto, parece prender-se sobretudo, se não apenas, com o benefício da proximidade da barra do Porto e da sua intensa actividade comercial, pondo-se mesmo a hipótese de que a fixação e desenvolvimento destas olarias não se tenha devido inicialmente a um movimento totalmente espontâneo, mas fruto de uma política camarária, iniciada pelo menos no século XV (Cruz, 1942, p. 136-137)¹⁶, com o intuito de prover necessidades locais e regionais directas, bem como o aproveitamento do fluxo comercial das louças de Lisboa, e sobretudo Coimbra, com destino ao Norte da Europa e colónias atlânticas, quer portuguesas quer britânicas. Constatando-se uma permanente permuta de oleiros entre os três centros produtores, através de ligações familiares e comerciais, a ligação das olarias vila-novenses a Coimbra sugere-se como especialmente próxima, permitindo mesmo suspeitar terem estado os oleiros coimbrãos na génese deste novo centro oleiro.

16. Referimo-nos à reclamação feita em 1460 por Martim Gonçalves, oleiro vindo de Coimbra por requerimento do concelho de modo a exercitar o ofício «*aalém*», e pelo qual se encontrava dispensado do serviço militar e restantes cargos do concelho, «*por bem do seu ofício*», ameaçando o seu regresso a Coimbra caso esses privilégios não fossem respeitados, o que foi atendido pela Câmara do Porto por se tratar de «*bom oficial do seu ofício*».



Mapa E. Barreiros de Coimbra identificados documental e oralmente e posicionados na Carta Militar de Portugal, escala 1/25.000, Folhas 230-Coimbra e 241-Coimbra-Sul, edição do Instituto Geográfico do Exército, 2002.

Em qualquer dos casos estamos perante uma mesma estratégia de implantação, procurando a proximidade de vias de acesso a importantes centros urbanos e comerciais, localizando-se pela natureza suja e perigosa da sua actividade já no termo da malha urbana. A proximidade directa a portos marítimos, ou indirecta através de portos fluviais, é igualmente ponto comum, traduzindo uma natural vocação do fabricante de faiança para a exportação do seu produto, contrariamente ao carácter eminentemente local da tradicional produção de cerâmica comum, vermelha, preta ou mesmo de vidro de chumbo. A abundante disponibilidade da matéria-prima é, como em qualquer momento para a actividade oleira, um dos factores considerados. É pois natural constatar-mos ser também a proximidade de um grande rio uma regra para qualquer um dos casos. A esta presença corresponde por norma a deposição de argilas, e margas no caso das regiões calcárias, e das areias necessárias ao fabrico cerâmico, para além do importante papel que o rio representa no acesso à importação de matérias ausentes, como chumbo, estanho e de mais colorantes, e escoamento final da produção.

No entanto, o caso de Vila Nova, desprovida quer de margas locais quer da pré-existência de estruturas de produção cerâmica, vem ainda mais salientar a vocação comercial da produção de faiança em oposição às

QUADRO XIV

Centros produtores identificados

- Vila Nova
- Área de implantação
Freguesia de Santa Marinha
- Linhas gerais
 - Ponto de travessia do Douro
 - Fixação de serviços no Séc. XIV
 - Política de desenvolvimento oleiro
 - Desenvolvimento urbano no Séc. XVI
 - Especialização em média qualidade
 - Vocação mercados int., ext. e colónias

Arrabalde «banda dalém» rio
Localizado ao longo do eixo viário Sul
Acesso directo à zona ribeirinha
(Barra do Porto)

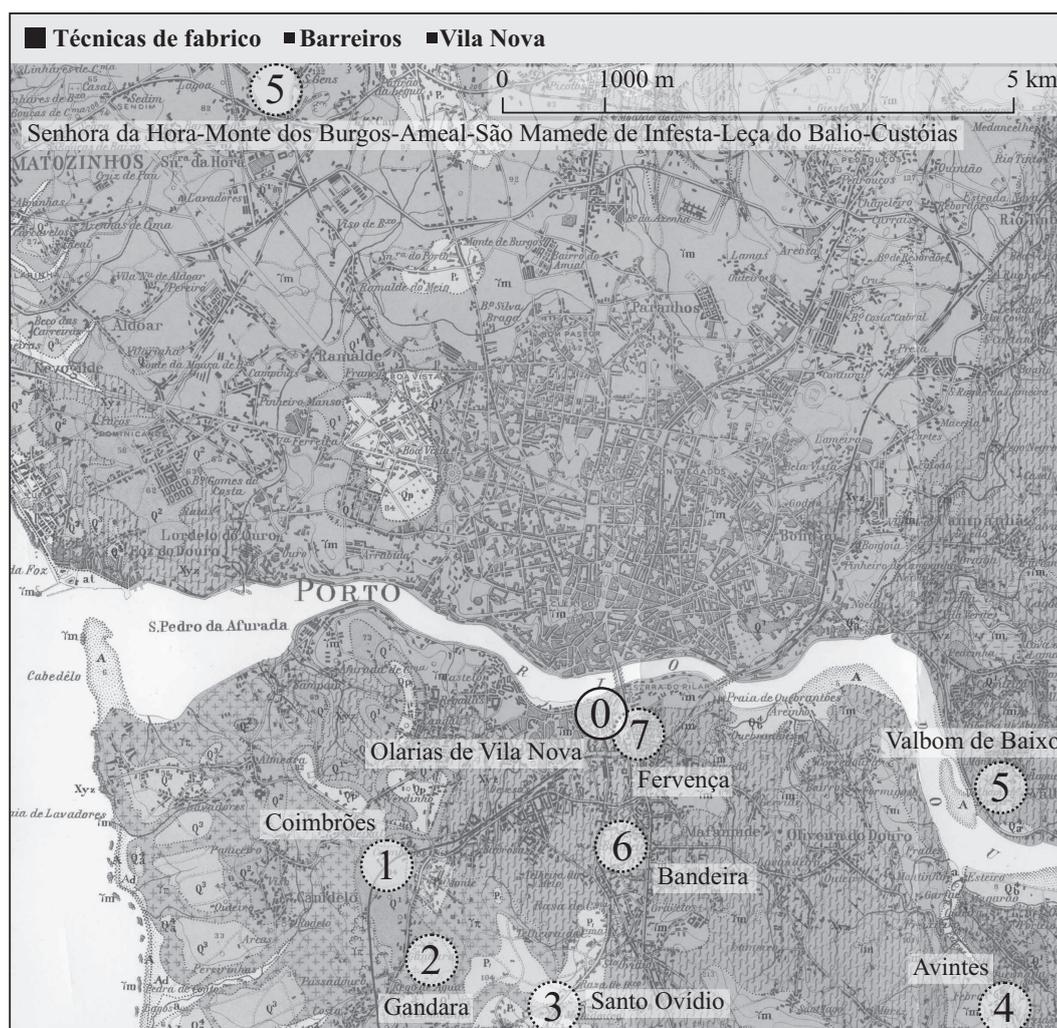
Ausência de margas e de areias siliciosas obrigam à sua importação de Lisboa

- Encarecimento da matéria-prima
- Intermittência no fornecimento de matéria-prima
- Pontuais interrupções no fabrico
- Obrigatória acumulação de matéria-prima
- Encarecimento do produto final

Primazia do escoamento sobre a matéria-prima



Mapa F. Área de localização das olarias de Vila Nova identificadas documental e posicionadas na planta actual da cidade (cartografia com base em www.maps.google.com, 2009).



Mapa G. Barreiros de Porto e Vila Nova de Gaia identificados documentalente e posicionados na Carta Geológica de Portugal, escala 1/50.000, Folha 9-C Porto, edição dos Serviços Geológicos de Portugal, 1957.

anteriores produções de cerâmica comum. Estamos pois perante um produto de produção em massa vocacionado para os mercados internacionais, assumindo-se como um bem de transacção comercial, mais do que um bem utilitário, ao qual se sobrepõe ainda o papel de afirmação e promoção social que algumas produções de luxo desempenharam no Norte da Europa e colónias. A faiança é neste aspecto um fenómeno do mundo Moderno que surge com a centúria de quinhentos, aberto a um alargado comércio europeu e transatlântico.

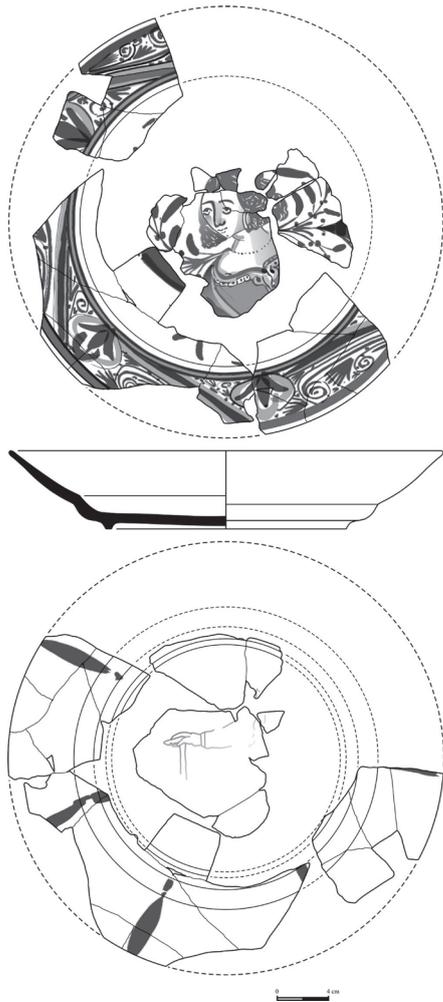
2.3 Características de produção

Independentemente da importação indirecta de novas técnicas de fabrico de tradição italiana, através da migração de oleiros flamengos, as soluções formais e decorativas da faiança portuguesa não deixaram desde o início de produzir e reproduzir soluções pré-existentes ou originais. Mesmo durante a primeira metade do século XVII, quando as olarias lisboetas se vocacionaram

em grande medida para a contrafacção de porcelana oriental, as olarias coimbrãs permaneceram quase imunes a esta influência. Teremos que esperar pela segunda metade de seiscentos para que, com a absorção e livre reinterpretação dos motivos orientais originais, estes surjam nas faianças de Coimbra.

A influência da porcelana oriental, que tanto se fez sentir nas olarias lisboetas da primeira metade de seiscentos, é também residual nas produções de Vila Nova. Podemos no entanto por vezes reconhecer nestas um certo cunho italianizante, sobretudo das soluções decorativas periféricas, como abas de pratos e bordos de tigelas (fig. 6). Já a partir de meados de seiscentos, as suas soluções decorativas tendem a afunilar e a perder diversidade, com domínio de profusas rendas a emoldurar aves, frutos, flores e plantas (fig. 7), no mesmo movimento que verificamos em Coimbra, onde às rendas (fig. 8) se juntam os aranhões, como elemento reinventado a partir da porcelana oriental, acompanhando aí motivos centrais menos figurativos (fig. 9), sendo a espiral uma recorrência no preenchimento

Ana Castro, Sílvia Pereira



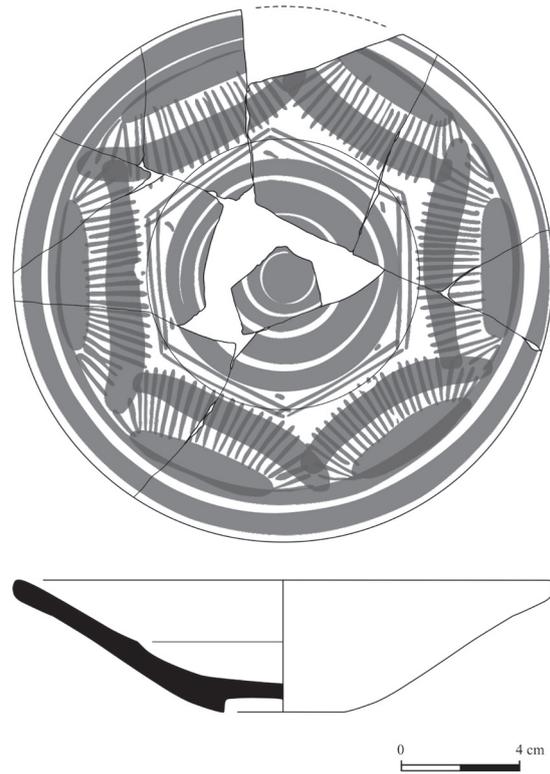
6. Intervenção arqueológica no Mosteiro de S. João de Tarouca. Peça n.º 1056, atribuída às olarias de Vila Nova, primeira metade de século XVII.

Luis Sebastian, Ana Castro



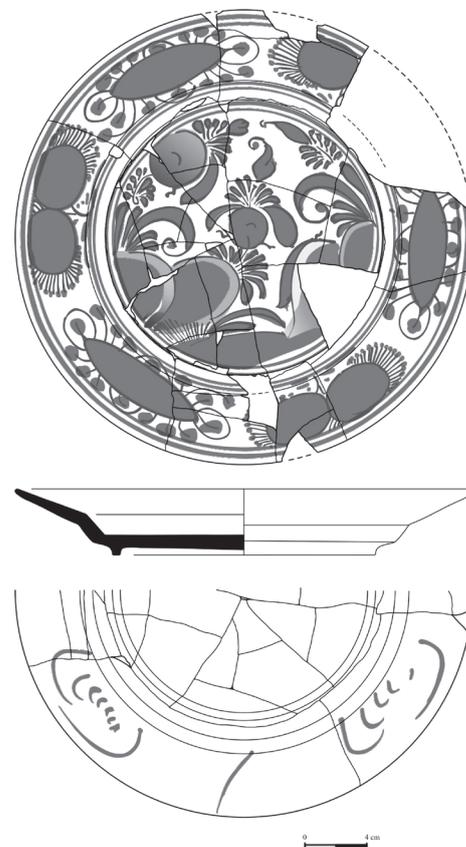
7. Intervenção arqueológica no Mosteiro de S. João de Tarouca. Peça n.º 3770, atribuída às olarias de Vila Nova, segunda metade de século XVII.

Luis Sebastian, Sílvia Pereira



8. Intervenção arqueológica no Mosteiro de S. João de Tarouca. Peça n.º 1011, atribuída às olarias de Coimbra, segunda metade de século XVII.

Sílvia Pereira



9. Intervenção arqueológica no Mosteiro de S. João de Tarouca. Peça n.º 2258, atribuída às olarias de Coimbra, segunda metade de século XVII.

Luís Sebastian



10. Intervenção arqueológica de emergência no n.º 10 da Rua de Buenos Aires, Lisboa. Aspecto geral de fragmento de prato produzido localmente.

central das peças coimbrãs de fabrico massivo na segunda metade de século XVII, solução que não será aliás abandonada mesmo até aos alvares do século XX. Mais do que as influências exteriores, a evolução das diversas soluções formais e decorativas dos diferentes três centros produtores deveu-se a distintas estratégias comerciais. As olarias lisboetas, pelo menos até meados de seiscentos, procuraram desenvolver as melhores técnicas, produzindo um produto de qualidade superior, de elevado preço e cobiçado pelos abastados mercados norte-europeus. Admitindo que as cópias de porcelana oriental possam ter servido de sucedâneo ao produto original, de preço ainda mais elevado e de reduzida disponibilidade, o sucesso da exportação destas porcelanas contrafeitas de Lisboa ter-se-á baseado sobretudo na qualidade do produto em si, sendo pouco verosímil que tenha alguma vez servido de verdadeira contrafacção, mesmo considerando que apenas os mais abastados teriam o conhecimento directo da porcelana oriental.

Após os meados de seiscentos, a produção lisboeta, perdendo o domínio dos mercados internacionais para a concorrência das olarias neerlandesas de Delft, decaiu em quantidade e qualidade, redireccionando a sua produção para os mercados internos, conseguindo a redução do custo final através não só da perda de qualidade material, mas também da qualidade criativa, com diminuição e simplificação do elenco decorativo, menos figurativo e mais geométrico ou vegetal simples (fig. 10).

Já Coimbra aparenta ter assente quase toda a sua estratégia na produção de baixo custo, e consequentemente, no domínio dos mercados internos de menor poder de compra – incluindo a resposta à necessidade de grandes quantidades louça de faiança de uso corrente em grandes casas aristocráticas, monásticas ou conventuais –, e coloniais, onde a reduzida fluidez monetária terá sempre ditado um limitado acesso aos bens de consumo importados da metrópole. Esta estratégia, consistentemente mantida pelas olarias coimbrãs até ao seu tardio ocaso já na primeira metade de século XX, explica o seu enorme sucesso durante todo o século XVII, com gradual diminuição a partir de meados do século XVIII devido à crescente concorrência das produções nacionais de fábrica e de importação, com destaque para as produções de pasta de pó de pedra inglesas.

Ao nível da qualidade, Vila Nova coloca-se entre as excelentes produções de Lisboa da primeira metade de século XVII e as de reduzido custo de Coimbra. Esta qualidade intermédia, com respectivo reflexo no preço ao consumidor, não deixa de a poder posicionar ao nível dos mercados externos como um produto de qualidade. Contudo, não atingindo a excelência das porcelanas contrafeitas lisboetas, o seu preço não deixou de permitir o seu consumo mais ou menos alargado pelo mercado interno, sobretudo na região Norte. Tal como para as olarias de Lisboa ou Coimbra, a concorrência das produções fabris nacionais e estrangeiras contribuiu para o seu estrangulamento. Todavia, também no seu declínio Vila Nova apresenta um comportamento algo desviante, uma vez que o exponencial desenvolvimento do comércio do vinho a partir de 1756, com a criação da região demarcada do Douro, redireccionou a actividade produtiva de Vila Nova para o transporte, armazenamento e comercialização vinícola, o que aliado ao surgimento de inúmeras fábricas cerâmicas em ambas as margens do rio, levou a um rápido desaparecimento das suas olarias, não atingindo estas a centúria de oitocentos, ao contrário de alguma da produção de cerâmica estanífera em Lisboa e, sobretudo, em Coimbra, onde acaba oficialmente com o fecho das portas da *Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra*, em 2009.

BIBLIOGRAFIA

- CALADO, R. S. (2003) – *Faiança portuguesa da Casa Museu Guerra Junqueiro, século XVII-XVIII*. Porto: Câmara Municipal.
- CORREIA, V. (1919) – Oleiros quinhentistas de Lisboa. *Águia*. Porto. Vol. XV. n.º 88-90. Separata.
- CRUZ, A. (1942) – Oleiros do Porto e Vila Nova. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto: Câmara Municipal. n.º 5, p. 135-144.
- MECO, J. (1989) – *O azulejo em Portugal*. Lisboa: Ed. Alfa.
- PICCOLPASSO, C. (Transcrição de Giovanni Conti) (1976) – *Li tre libri dell'arte del vasaio*. Firenze: All'Insegna del Giglio.
- PICCOLPASSO, C. (fac-simile, tradução e apresentação de Jean-Marie Lhôte) (2007) – *Les trois livres de l'art du potier*. Vendin-le-Veil: La Revue de la Céramique et du Verre.
- SANTOS, A. V. (1951) – A cerâmica em Portugal. In *Arte Portuguesa*. Lisboa: Edições Excelsior. Vol. I – As Artes decorativas, p. 105-232.
- SANTOS, M. J. (2005) – *Sondagens arqueológicas no Largo de Jesus (freguesia das Mercês, Lisboa) – Relatório final*. Lisboa: Geoarque, Consultores na Área do Património Cultural, Lda. (policopiado).
- SIMÕES, J. M. dos S. (1990) – *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI. Introdução geral*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (1.ª edição de 1969).
- SMITH, C. S. e GNUDI, M. T. (translation and notes by) (1990) – *The pirotechnia of Vannoccio Biringuccio, The Classic Sixteenth-Century Treatise on Metals and Metallurgy*. New York: Dover Publications. 4.ª edição.